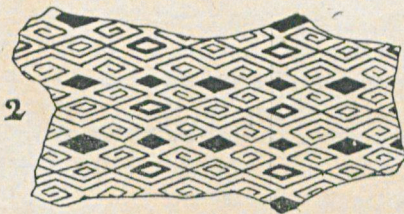


O meio brasileiro, na sua maioria, ainda se resente de um artificialismo requintado e absurdo, que se revela constantemente em todas as manifestações de sua vida. É uma preocupação surda de viver num ambiente que não é e nem pôde ser o seu. O delírio de civilização empolga-o, avassala-o, domina-o e elle perde a noção de si mesmo. Abandona os seus hábitos, as suas tradições, os seus costumes como cousas remotas e selvagens; tem a suprema covardia de crear, de ter um gesto proprio, uma pequena manifestação de individualidade. Vive em torno de um mundo que elle mesmo não comprehende e do qual recebe a luz por meio de reflexões exaggeradas. Desconhece o seu paiz, suffoca as suas tendencias, ostentando-lhes propositado desprezo. E, assim, sem se nortear por si, voga, sem ponto de apoio, ao sabor dos caprichos das civilizações que lhe são inadaptaes.

É certo, deste modo, que o Brasil tem de tomar a peito um movimento de reacção no sentido de nacionalizar-se. E esse movimento é inadiavel. Agora, que todas as vistas se convergem para nós como o paiz do futuro, que a nossa grandeza e riqueza despertam a attenção do mundo, é natural que nos despertemos e que cada um collabore de accôrdo com as suas funções para a criação de typos nacionaes de industria, commercio e, sobretudo, de arte.

O Brasil não é apenas um grande repositório de riquezas naturaes cuja exportação pôde ser feita, em grande escala, sem preparação preliminar,

como o manganez, a madeira, a mica e tantos outros productos. Além do algodão ha, em nossa flóra, uma variedade infinita de fibras para tecelagens, e, em nosso sólo, argillas ine-



1 — Motivo indio.  
2 — O mesmo motivo desenvolvido para tecidos, papeis, ladrilhos, etc.

gualaveis para ceramica. Só essas duas industrias fornecer-nos-iam typos nacionaes inconfundiveis, desde que o seu fabrico obedecesse a uma orientação artistica, reproduzindo, em seus padrões e em suas fórmias, assumptos brasileiros.

Assim esse movimento deve partir da criação, em primeiro lugar, da arte decorativa nacional.

Aos olhos dos nossos artistas, voltados sempre para outro ambiente, a nossa natureza se lhes apresenta apenas como uma decorrença natural da vida, um prolongamento inculto e barbaro dos antigos incolas, sem attractivos sensiveis para os civilizados. Por isso poucos de nossos pintores se abalançaram a cogitações de ordem exclusivamente nacionalista, a não ser Chrispim do Amaral, que depois que viu a Europa, projectou applicar

á scenographia assumptos do Amazonas e agora Theodoro Braga, consta, prepara um estudo sobre a estylização da arvore brasileira. Na escultura e architectura, então, nada existe. Apenas a literatura e a musica têm tratado de cousas nacionaes. Quanto mesmo ás sciencias naturaes, archeologia e historia, as nossas principaes fontes são trabalhos de estrangeiros, como Martius, Lund, Southay, Saint-Hillaire, e tantos outros.

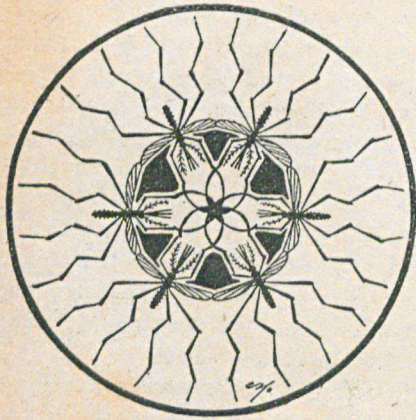
No emtanto, poderíamos possuir na architectura e nas artes plasticas typos exclusivamente nossos, dada a immensa variedade de motivos ornamentaes em que a nossa natureza exubera.

A' architectura bastaria a pompa virgem das florestas, cujos recantos verdadeiramente cathedralescos, com as galhadas serpeando em astragallos sobre as columnatas dos troncos, ligando as architraves aos plinths pelas ramagens verdes das cupulas, donde se distendem, entre as columnas esguias das palmeiras com seus capitais naturaes, os pingentes dos candelabros das lianas, que, em noites de verão, reluzem como cyrios, á luz intermitente dos pirilampos e aos lampejos dos olhos das onças irradiando, aos pares, da carrança fulva, as tochas fulminantes; a fauna farta e variadissima desde os anneis, em lozangos multicores, da cobra coral, até a polychromia omnimoda dos peixes e reptis, dos insectos e passaros; os cocares dos velhos pagés soberbamente evocados em meio de suas pennas e tangas, arco e flexa, ornatos e vasos, resplendendo num conjunto equilibrado de linhas.



1 — Ornato indio. 2 — Applicação de um motivo da fauna (cobra) ao movimento do primeiro

Do mesmo modo a arte decorativa surgiria do espectáculo dessa natureza, numa victoria perpetua e definitiva, desde que os nossos artistas se congregassem e emprehendessem re-produzil-a.



Rosacea — Estylização de mosquitos

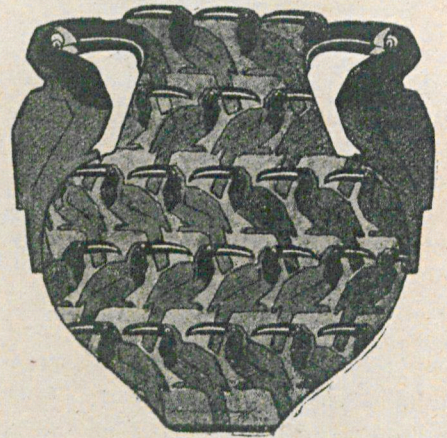
Na Europa os assumptos decorativos são gastos, velhos, exgotados e transformados por multiplas gerações de artistas, que os desenvolvem, estylizando-os, na ancia de imprimir-lhes novas vidas, que a imaginação lhes guiava no arrebatamento creador. Ao passo que os nossos motivos, mais ricos e inexplorados,

fulgem em cada folha, em cada insecto, em cada ave, em cada flor, com tantas fórmãs, tantas linhas, tantas côres, numa modalidade infinita, que mesmo tomados ao natural, apresentariam, pela estranha originalidade, um typo novo de belleza superior aos europeus já transfigurados pelo genio de seus estylizadores.

Afóra todos esses motivos possuímos os ornatos dos nossos indios, com a sua maneira ingenua, na harmonia primitiva de suas côres e linhas elegantes e bem dispostas, orientadas pela rudeza selvagem daquellas almas simples e contemplativas. Esses motivos, que pôdem servir de ponto de partida para a nossa arte decorativa, têm qualidades ornamentaes tão interessantes, que os mais modernos decoradores austro-hungaros se têm servido delles vantajosamente e nos impingido como seus.

Os Estados Unidos, paiz eminentemente pratico, comprehenderam a necessidade de adaptar ás suas industrias assumptos americanos. Para esse fim acabam de crear departamentos especiaes junto ao Museu de Arte Nacional e seus artistas, que na maioria são estrangeiros, trabalham conjuntamente absorvidos pelo surto desse grande movimento.

A Argentina tambem vem tentando introduzir a arte indigena na industria moderna, tanto na ceramica, como na tecelagem e mobiliario.

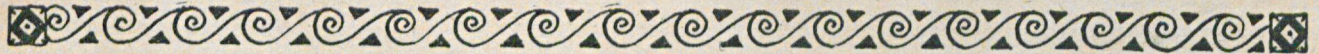


Vaso dos pelicanos. (Estudo para ceramica)

Antes, porém, dos Estados Unidos e da Argentina, um artista portuguez, Correia Dias, já identificado com a nossa natureza, lançára aqui essas idéas.

Resta, pois, agora, aos artistas e principalmente aos industriaes, attentarem um momento sobre tão importante problema, digno da obra grandiosa de nossa nacionalização.

VIEIRA DA CUNHA.



A casa da Moda da Avenida, e á noite, depois do cinema ou do theatro, enche-se o largo e sumptuoso salão da casa de chá, onde os grandes espelhos, na nitidez do seu crystal, reflectem a successão maravilhosa das figurinhas femininas que entram e saem... E' allí o *rendez-vous* da Móda. Allí, em torno das pequenas mesas de marmore, as mulheres parecem ainda mais radiosas na graça das suas attitudes e na riqueza das suas *toilettes*, e os homens — ó poderoso influxo das circunstancias! — chegam a revelar mais espirito. Allí se discute o enredo da ultima comedia e se commentam os novos *films* cinematographicos. Allí se annunciam as proximas festas e se marcam outros encontros. Allí se definem re-

lações, se criam esperanças, se fazem amizades; e, muitas vezes, o crystal dos espelhos é o interprete silencioso de olhares e sorrisos que dizem tudo...

Nessa casa da Moda, que é hoje um dos aspectos mais interessantes da vida carioca, pôde-se fazer uma idéa clara das delicias que o Rio actual offerece. Collocada mesmo em frente á parada de todos os bonds de Botafogo, Aguas Ferreas, Copacabana e Leme, essa casa que Venerando e Alvarez crearam para encanto da sociedade elegante, é o PONTO CHIC, á rua Santo Antonio n. 11. E' nella onde se bebe o melhor chá, onde se serve o chocolate mais sabroso, onde se tomam os sorvetes mais agradaveis e onde se compram os *bombons* mais finos.

ARTIGOS DO NORTE DO BRAZIL

CASA IRACEMA

Completo e variado stock de

Rendas do Norte, Crivos e Applicações feitas á mão.



Edifício do

CINEMA ODEON

Pedro Alves L'aqueira

72, Rua Sete de Setembro, 72 RIO DE JANEIRO

(Não tem filial)



Marca Registrada